



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Vol. 16, número 2, jul-dez, 2023, pág. 1063-1092

Amazônia(s): entre a internacional e a legal, existe poesia autoral em discussão!

Amazônia(s): between the international and the legal, there is poetry in discussion!

Luciandro Tassio Ribeiro de Souza
Tania Suely Azevedo Brasileiro

Resumo

A Amazônia é uma região de enorme importância para o equilíbrio ambiental do planeta. Ela abriga a maior floresta tropical do mundo, que desempenha um papel fundamental na regulação do clima global, na conservação da biodiversidade e na manutenção dos ciclos hidrológicos. Por outro lado, enfrenta uma série de desafios ambientais, como o desmatamento, as queimadas, a exploração ilegal de recursos naturais e as mudanças climáticas que ameaçam o futuro. Dessa forma, o artigo objetiva compreender a importância dessa região em termos de história, extensão e biodiversidade por meio da pesquisa bibliográfica e promover uma análise crítico-reflexiva a respeito da poesia autoral intitulada “A voz do clamor” com vistas a realizar uma conexão entre esta e a realidade amazônica revelada. Com isto, buscamos sensibilizar o leitor sobre a importância dessa região, abordando a riqueza natural que desperte a consciência socioambiental, incentive a reflexão sobre a proteção desse ecossistema único e transmita a mensagem de que todos têm um papel estratégico na preservação da Amazônia para as gerações vindouras. Destacamos ser fundamental que cada indivíduo reconheça a sua parte nesse processo e se engaje ativamente na proteção e preservação desse bioma tão rico para o equilíbrio ambiental global. Afinal, a responsabilidade de cuidar da Amazônia não é apenas dos governos ou de organizações específicas, mas sim de todos nós!

Palavras-chave: Bioma. Amazônia. Meio ambiente. Poesia.

Abstract

The Amazon is a region of enormous importance for the planet's environmental balance. It is home to the world's largest rainforest, which plays a key role in regulating the global climate, conserving biodiversity and maintaining hydrological cycles. On the other hand, it faces a series of environmental challenges, such as deforestation, fires, illegal exploitation of natural resources and climate changes that threaten the future. In this way, the article aims to understand the importance of this region in terms of history, extension and biodiversity through bibliographical research and to promote a



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

critical-reflexive analysis regarding the authorial poetry entitled “A voz do clamor” in order to make a connection between this is the revealed reality of the Amazon. With this, we seek to sensitize the reader about the importance of this region, addressing the natural wealth that awakens socio-environmental awareness, encourages reflection on the protection of this unique ecosystem and transmits the message that everyone has a strategic role in the preservation of the Amazon for generations to come. We emphasize that it is essential that each individual recognize their part in this process and actively engage in the protection and preservation of this biome, which is so rich for the global environmental balance. After all, the responsibility for taking care of the Amazon is not just the responsibility of governments or specific organizations, but of all of us!

Keywords: Biome. Amazon. Environment. Poetry.

Compreender a importância da Amazônia é essencial para reconhecermos a necessidade de proteger e preservar esse ecossistema único, que abriga a maior floresta tropical do mundo, com uma extensão de aproximadamente 5,5 milhões de quilômetros quadrados, que se estende por nove países, sendo a maioria localizada no Brasil.

Historicamente, a Amazônia desempenhou um papel fundamental na evolução da biodiversidade do planeta. É lar de milhões de espécies vegetais e animais, muitas das quais são encontradas apenas nesta região. A diversidade biológica da Amazônia é inigualável, e a preservação desse ecossistema é crucial para a continuidade de numerosas espécies e para a manutenção do equilíbrio ecológico global.

Além disso, segundo Ferreira (2005) a Amazônia tem um impacto significativo no clima do planeta. A floresta atua como um importante sumidouro de carbono, ajudando a reduzir a concentração de gases de efeito estufa na atmosfera. Por outro lado, o desmatamento e as queimadas, contribuem para a liberação desses gases, agravando o problema das mudanças climáticas, impactando na biodiversidade, nos ciclos hidrológicos e no equilíbrio climático.

De acordo com Pedrini (2006), preservar a Amazônia não é apenas uma questão de proteger um patrimônio natural e cultural, mas, também, de



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

garantir o equilíbrio ambiental global e o bem-estar das futuras gerações. É reconhecer a importância desse bioma e agir em prol de sua preservação para assegurar um futuro sustentável para a Amazônia e para todo o planeta.

Assim, este artigo objetiva compreender essa região em termos de história, extensão e biodiversidade por meio da pesquisa bibliográfica, promovendo uma análise crítico-reflexiva a respeito da poesia autoral intitulada “A voz do clamor” visando a realizar uma conexão entre esta e a realidade amazônica revelada. Com isto, buscamos sensibilizar o leitor sobre a importância dessa região, abordando a riqueza natural que desperte uma consciência socioambiental, incentive a reflexão sobre a proteção desse ecossistema único e transmita a mensagem de que todos nós temos um papel estratégico na preservação da Amazônia para as gerações vindouras.

Contudo, destacamos ser fundamental que cada indivíduo reconheça a sua parte nesse processo e se engaje ativamente na proteção e preservação desse bioma tão rico para o equilíbrio ambiental global. Afinal, a responsabilidade de cuidar da Amazônia não é apenas dos governos ou de organizações específicas, mas sim de todos nós!

Amazônia(S): da internacional à legal

O documento “*Programas Binacionales de Cooperación Fronteriza - Un Modelo para el Desarrollo de la Amazonía* (1993)” elaborado pela Secretaria Geral da OEA (Organização dos Estados Americanos) a pedido dos representantes do Brasil, Colômbia, Equador e Peru, definiu a Amazônia como uma região que:

[...] ocupa toda a área centro-leste da América do Sul, a leste da Cordilheira dos Andes, e desde o Planalto das Guianas, ao Norte, até o Planalto Brasileiro, ao Sul. Sua altitude varia de 4.000 metros na Cordilheira Ocidental ao nível do mar. Possui mais de 7,8 milhões de km² e representa 44% do território sul-americano, abrangendo áreas da Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Guiana, Peru, Suriname e



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Venezuela. [...] A enorme riqueza da Amazônia tem permitido a subsistência e o desenvolvimento de formas de vida únicas. Seus ecossistemas são caracterizados por grande biodiversidade e abrigam mais de 30.000 espécies de plantas; cerca de 2.000 espécies de peixes, 60 espécies de répteis, 35 famílias de mamíferos e aproximadamente 1.800 espécies de aves. Mais de 16% de toda a água doce do mundo flui para a Bacia Amazônica, com uma vazão média de mais de 175.000 m³s. É caracterizada por alta pluviosidade e é ocupada principalmente por floresta tropical úmida. As florestas amazônicas representam pouco mais de 56% do total de florestas folhosas do mundo. Aproximadamente 3% da área da região, ou cerca de 22 milhões de ha. (220.000 km²), foi declarada pelos governos dos países amazônicos como parques nacionais e áreas protegidas (SECRETARIA GERAL DE LA ORGANIZACION DE LOS ESTADOS AMERICANOS, 1993, p. 7).

Definir a Amazônia internacional como bem fez o documento elaborado pela Secretaria Geral da OEA (Organização dos Estados Americanos) é mais do que delimitar sua extensão e investigar o potencial de desenvolvimento em termos de população, ecossistemas e recursos naturais para sua subsistência; pelo contrário, segundo Araújo (2007) e Sá e Corrêa (2016), se trata de criar condições para o desenvolvimento sustentável, uma vez que é uma região de extrema importância para o equilíbrio ambiental global, pois abriga cerca de 20% da biodiversidade terrestre do planeta, além de armazenar carbono e produzir oxigênio em abundância.

Segundo o *site* Significados, a Amazônia Internacional é:

[...] um termo que se utiliza para fazer referência à região norte da América do Sul, onde está localizada a Floresta Amazônica, que abrange uma área total de 7 milhões de km². Essa região é também conhecida por Selva Amazônica, Floresta Equatorial da Amazônia ou Floresta Pluvial. [...] A Amazônia Internacional se estende por nove países da



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

América do Sul: Brasil, Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, Guiana, Guiana Francesa e Suriname. [...] Compreende uma área de 7 milhões de km² que abrange nove países. A área total corresponde à metade do território da América do Sul. (SIGNIFICADOS, *on-line*).

Além da grandiosidade, Fonseca *et al.* (2020) e Marengo e Souza Jr (2008) destacam que a floresta amazônica é uma das maiores do mundo. O clima é quente e úmido com alta pluviosidade e a estação chuvosa que perdura por até seis meses.

Higuchi e Azevedo (2004) chamam a atenção que a região amazônica internacional também possui a maior bacia hidrográfica do mundo, formada pelo rio Amazonas e seus afluentes, que contribuem para a formação de uma rede complexa de rios e lagos que compõem a bacia amazônica. Para os autores, essa vasta bacia hidrográfica desempenha um papel fundamental no equilíbrio ambiental da região, nas vias de transporte para as comunidades locais e também têm um papel significativo na economia, na pesca e no turismo da região.

Para Silva, Costa e Lellis (2018, p. 132-133), em consulta ao IBGE (*on-line*), afirmam que a Amazônia é também o maior bioma brasileiro em extensão,

[...] ocupando 5.015.067,86 km², correspondendo a cerca de 58,93% do território brasileiro. A maior parte da Amazônia internacional está localizada em território brasileiro e reúne a totalidade dos estados do Acre, Amapá, Amazonas, Pará e Roraima e ainda parte de Rondônia, Maranhão, Tocantins e Mato Grosso, denominada pelo governo brasileiro como Amazônia legal.

A respeito, Mello (2006) e Padua (1991) destacam que a Amazônia Legal é de grande importância ecológica e cultural, pois abriga uma vasta gama de espécies vegetais e animais dispersos em uma região que cobre a área total dos nove estados brasileiros, além de povos indígenas, ribeirinhos, quilombolas e outras populações tradicionais que habitam a região há



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

séculos, mantendo uma relação íntima com a floresta e seus recursos naturais.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (*on-line*), a Amazônia legal:

[...] corresponde à área de atuação da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia – SUDAM delimitada em consonância ao Art. 2o da Lei Complementar n. 124, de 03.01.2007. A Amazônia Legal foi instituída com o objetivo de definir a delimitação geográfica da região política de atuação da SUDAM como finalidade promover o desenvolvimento includente e sustentável de sua área de atuação e a integração competitiva da base produtiva regional na economia nacional e internacional. [...] A região é composta por 772 municípios, onde 766 estão localizadas dentro da área da Amazônia Legal e 6 deles se encontram a oeste do Meridiano 44º, no estado do Maranhão.

Todavia, ao tratarmos da regionalização da Amazônia brasileira enquanto região geoeconômica, Albuquerque (2013, p. 27) destaca que a Amazônia compreende toda a “[...] extensão da floresta Amazônica localizada em território brasileiro, integrada por todos os estados da região Norte, além do Mato Grosso (exceto sua porção sul) e oeste do Maranhão.” Essa constatação congrega na existência dos 722 municípios que fazem parte da Amazônia que são distribuídos entre os estados do Acre, Amazonas, Amapá, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins, Mato grosso e Maranhão, que conglomeram em seus 5.015.067,86 km², correspondendo a cerca de 58,93% do território brasileiro fazendo com que a região amazônica seja muito importante devido ser formada “[...] por distintos ecossistemas como florestas densas de terra firme, florestas estacionais, florestas de igapó, campos alagados, várzeas, savanas, refúgios montanhosos e formações pioneiras” (IBFLORESTAS, *on-line*).

Gomes e Jesus (2020) e Marengo (2006) reforçam que devido às grandes formações que comportam diversos ecossistemas, a região



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

amazônica tem sido objeto de investigação científica há séculos, com pesquisadores de uma ampla gama de áreas do conhecimento buscando entender melhor as complexidades desse vasto e diverso ecossistema. Entretanto, o bioma ainda possui animais desconhecidos da ciência:

[...] Isso significa que há várias descobertas a fazer no futuro. Os macacos estão entre os animais mais famosos da região. As grandes árvores amazônicas abrigam coati, cuxiú, barrigudo e mais uma infinidade de primatas, além de outros mamíferos como onças, tamanduás, peixes-boi, botos... Entre os répteis – a maior densidade de répteis está neste bioma –, lagartos, jacarés, tartarugas e serpentes são os mais conhecidos e, entre os anfíbios, rãs, sapos e pererecas. Além disso, mais de mil espécies de aves já foram descobertas, incluindo muitas araras, papagaios, periquitos e tucanos. Nos diversos rios que cruzam o bioma, nos lagos e nos igarapés, a quantidade de peixes é impressionante. As águas da Amazônia abrigam nada menos que 17 de cada 20 espécies de peixes de toda a América do Sul. Mas a maior parte das espécies de animais amazônicos é formada – adivinhe! – por insetos, como besouros, mariposas, formigas e vespas. [...] sobre a vegetação, tão exuberante e variada quanto as espécies animais. Ela está dividida em três categorias: matas de terra firme, matas de várzea e matas de igapó. As matas de terra firme estão em regiões mais altas e não são inundadas por rios. Elas incluem grandes árvores como a castanheira e a sumaúma – que ganhou o apelido de “rainha da floresta”. Já as matas de igapó estão em partes baixas e são frequentemente inundadas. Assim, são formadas por uma vegetação mais baixa, cheia de arbustos, cipós e musgos. É nessas áreas que ocorre a famosa vitória-régia, um dos símbolos da Amazônia, e também as orquídeas e bromélias. Por fim, as matas de várzea são uma espécie de transição entre as matas de terra firme e as matas de igapó. Elas passam por inundações em determinadas épocas do ano e têm partes mais elevadas



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

semelhantes às matas de terra firme e outras mais baixas, que se parecem com as matas de igapó (EMBRAPA, *on-line*).

Além de seu valor ecológico, a Amazônia possui significado cultural e econômico para os povos que vivem na região. Frutuoso e Maciel (2021) anunciam que as comunidades indígenas, por exemplo, desenvolveram profundo conhecimento sobre as plantas e animais que habitam e dependem desses recursos para sua subsistência. Entretanto, apesar de todo o seu potencial e biodiversidade, a Amazônia atrai os olhares do Brasil e do mundo.

Todavia, Andrade (2018) e Gonzalez-Gaudiano (2007) ressaltam que esses olhares estão voltados para a concessão ilegal de madeira, a mineração ilegal, a expansão da agropecuária, a construção de hidrelétricas e a exploração de petróleo e gás, pondo em risco a biodiversidade e as comunidades que dependem da floresta.

Segundo o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE, *on-line*), “[...] a Amazônia perdeu cerca de 729 mil km² de cobertura florestal, o que corresponde a 17% do bioma. Desse total, 300.000 Km² foram desmatados nos últimos 20 anos”. Isso representa uma redução na área de floresta nativa, com graves consequências ambientais, sociais e econômicas. Um grande agravante ocorreu durante o governo Bolsonaro, com a promoção de desações que desencadearam:

[...] uma ampla desorganização dos órgãos públicos ligados à defesa ambiental e à regularização fundiária, com destaque para a situação do Incra, a partir de cortes orçamentários e falhas na gestão do capital humano formado por seus servidores, além de ter desmobilizado ações ambientais que já estavam em processo de aperfeiçoamento (AGÊNCIA SENADO, *on-line*).

Além disso, houve também uma redução significativa no número de ações imediatas de combate e controle de crimes ambientais. Para o Greenpeace - organização ambiental que incentiva campanhas de soluções



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

para várias questões ambientais - o rápido avanço do desmatamento para a produção de gado e soja, garimpo e exploração ilegal de madeira são problemas ambientais graves, com impactos na biodiversidade, nas comunidades locais e no clima global,

[...] assim como no roubo de terras públicas, conhecido como grilagem, vem colocando a natureza e os povos indígenas sob grave ameaça. A Amazônia é fundamental para combater as mudanças climáticas, mas está cada vez mais perto de um ponto de não retorno, quando não será mais capaz de se recuperar como floresta tropical (GREENPEACE, *on-line*).

Além do mais, as mudanças climáticas e o aumento das temperaturas podem ter impactos cada vez mais severos na região amazônica, como bem destaca a pesquisa sobre mudanças climáticas na Amazônia publicada no *site* do Instituto René Rachu/ Fiocruz Minas, a qual indica projeções com consequências diretas para a região, por exemplo, em uma:

[...] possível diminuição da biodiversidade, em virtude das alterações no ciclo reprodutivo de plantas e animais. Outro efeito importante seria o processo de savanização da floresta amazônica, devido ao aumento da temperatura. As mudanças do clima também podem provocar transformações em fenômenos naturais recorrentes na floresta amazônica, como o período das cheias dos rios. Por causa das alterações no volume de chuvas e elevação da temperatura, podem ocorrer eventos extremos, como secas e inundações. Estes fenômenos climáticos poderiam impactar a irrigação, a perda do potencial de pesca e a redução da produção agrícola, afetando diretamente a segurança alimentar das populações que vivem nessa região (FIOCRUZ MINAS, *on-line*).

Outro efeito das mudanças climáticas, segundo Pereira *et al.* (2020), é a savanização da floresta amazônica, que devido ao aumento da temperatura pode dificultar a sobrevivência de certos tipos de vegetação que



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

muitas comunidades dependem para sua subsistência. Além desses efeitos, os autores destacam que as mudanças climáticas também podem causar as cheias sazonais dos rios, desencadeando inundações que trazem grandes consequências para as comunidades locais, principalmente em termos de segurança alimentar, irrigação, transporte, moradia, saúde e pesca.

No entanto, Siqueira (2016) e Aguiar e Brasileiro (2020) ressaltam que a complexidade dessas questões exige uma série de medidas multifacetadas e contínuas, envolvendo atores e setores, para alcançar resultados significativos, pois somente dessa forma será possível preservar a floresta e garantir um futuro sustentável. Dentre as medidas, os autores igualmente consideram que o desenvolvimento de novas estratégias para o fortalecimento da gestão ambiental, o incentivo de práticas ecológicas, como o manejo florestal sustentável, a implementação de tecnologias verdes que reduzem a emissão de gases de efeito estufa e a educação ambiental, para que as pessoas entendam a importância da preservação da floresta em seu cotidiano.

Essas medidas estão alinhadas com abordagens que buscam conciliar o desenvolvimento econômico com a conservação ambiental, reconhecendo a importância da Amazônia como um patrimônio natural e cultural de valor global. Todavia, é importante que essas medidas sejam implementadas de forma integrada (BRASILEIRO; SOUZA, 2023; OLIVEIRA, 2010; SANTOS, 2023) considerando a participação e o envolvimento de múltiplos atores, incluindo governos, organizações não governamentais, comunidades locais e setor privado, visando um manejo sustentável e uma preservação efetiva da Amazônia para as gerações futuras.

Assim, escrevemos uma poesia autoral intitulada “A voz do clamor”, de cunho crítico-reflexivo, com vistas a realizar uma conexão entre esta e a realidade amazônica. Com isto, buscamos sensibilizar o leitor sobre a importância dessa região, abordando a riqueza natural que contribua para



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

despertar uma consciência socioambiental, incentive a reflexão sobre a proteção desse ecossistema único e transmita a mensagem de que todos têm um papel estratégico na preservação da Amazônia para as gerações vindouras.

A VOZ DO CLAMOR

Eu sou o verde da esperança.
O verde da vida, do sustento, do firmamento.
A esperança da vida é evidente em mim.
Do verde da vida faço meu esperar.
Do esperar sou resistência de vidas até o fim.

Eu sou a transmissora dos sons,
Que conclamam em mim a todo momento.
Sons ensurdecadores das vidas.
Da biodiversidade da diversidade existente.
Onde o verde em harmonia com o meio ambiente
Mesmo duramente ameaçado ainda se faz presente!

Eu sou a flora, a fauna. Sou vidas.
Sou a maior floresta viva deste mundo.
Sou considerada o maior bioma brasileiro.
Eu sou ou já fui? Eis a questão!
Declaro que sou suspeita em afirmar.
Em tempos, me orgulhava da honraria.
Agora vivo a me questionar.

Estou localizada no Norte da América do Sul.
Sou rural, estadual, nacional, legal e internacional.
Sou uma extensa e densa floresta tropical.
Detentora de um grandioso verde
Onde a vida se faz plural
Em um ambiente de clima equatorial.

Eu sou aquela que abriga extensos,
profundos e caudalosos rios.
Do grande rio Amazonas aos afluentes.
Que entrecortam os exuberantes verdes
Levando vidas a quem detém fome.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

E águas aquém detém sede.

Eu sou aquela que abriga os povos,
Que por séculos aprenderam a viver
Em plena harmonia com o ambiente
Usando meus recursos naturais,
Respeitando costumes e tradições
E conscientemente tocando suas vidas
Em equilíbrio com o meio vivente!

Eu sou o equilíbrio do mundo.
O pilar de sustentação do planeta.
A peça-chave, a cereja do bolo,
A menina dos olhos,
A parte ou o todo do quebra-cabeça.
Eu sou aquela que vos alerta:
Se atentem enquanto há tempo!
Pois no mundo persisto em viver.
Equilibrar, verdejar, enfim, renascer,
Mas é tanto ataque, que destino a desaparecer.

Apesar de tanta agressão, insisto em falar
Sobre a atuação de muitos humanos,
Que persistem em me cuidar.
Gente de bom coração,
Que já entenderam a situação
E com a empatia pela criação,
Insistem em me preservar.
Gente que se empenha, dando o máximo,
Que se juntam a mim para lutar.
Alertando todos sobre o triste cenário
Que me tende a dizimar.
Ah, mas a luta não é suficiente!
Precisamos de mais gente!
Gente de empatia por mim, pela vida,
Pelo presente e futuro do meio ambiente.

Eu sou a joia verde cobiçada por todos.
A cobiça está direcionada para mim.
São tantos olhos. Tanta ganância,
Ambição, negligência, maldade.
Tanta gente travejada de bem,
Mas podre de empatia, respeito e verdade.
Tento lutar. Tento resistir. Me reerguer.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Tento a todo tempo ser forte,
Mostrando a todos os holofotes
O meu verde da exuberância.
Minha fauna, flora, minhas águas.
O desabrochar das flores, os aromas, sabores.
Meus sons, meus animais, minhas cores.
E mesmo assim, mostrando o meu valor
Para o equilíbrio de todo o planeta
Sou ferozmente atacada, agredida,
Negligenciada, dizimada, queimada viva!

Estou avisando. Ando alertando.
E aqui, mais uma vez, suplicando,
Peço que me ajudem. Se ajudem.
Nos ajudem. Eu vos clamo!
Os efeitos estão se alastrando.
Meus verdes estão queimando.
Meus ares se contaminando.
Meus rios ficando impuros.
Minhas vidas se acabando.
Meus sons desaparecendo.
Meus cenários estão mudando.
Cuidem de mim, ainda há tempo.
Eu vos suplico, humanos!

Não permita o Criador do Universo,
Que eu, de modo algum, padeça jamais.
Peço que me fortaleça, reerguendo-me
Permanecendo sempre de pé
Resistindo mais e mais.
Minha missão não está nada fácil.
Tenho sofrido com o fogo ardente.
Tenho sofrido com a fumaça tóxica.
Tenho sofrido com os desmatamentos.
Tenho perdido vidas que me tem firmamento.
Tenho visto meus rios sofrendo assoreamento.
Tenho visto os povos morrerem por envenenamento.

Oh, humanos, o que fiz para sofrer tantos danos?
Que mal ofereço para sofrer durante anos?
Por que não me preservam?
Por que não me valorizam?
Vocês me ferem, me queimam, me matam
Sem se importar com o amanhã.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Eu sou o passado, o presente e o futuro.
Vidas estão e dependem de mim.
Eu vos suplico, me deixem viver!
Viver é o meu querer.
E meu querer é que todos vivam
Em sustentabilidade, equilíbrio.
Com amor e respeito, Amazônia.

Entre a poesia e a realidade amazônica: a voz do clamor em análise crítico-reflexiva!

A poesia é um enigma a ser decifrado, uma dança de palavras que seduzem o pensamento. Ela nos convida a mergulhar em suas entrelinhas, a explorar as mais profundas figuras de linguagem. E assim, vamos em busca da compreensão, interpretação e análise. Ao observarmos um poema, encontramos um universo de possibilidades.

Para Lamartine (1987), cada palavra escolhida pelo poeta carrega consigo múltiplos sentidos, nuances e intenções e nos convida a desvendar essas escolhas, a exaltar as metáforas e símbolos que permeiam cada verso.

No entanto, Cavalcanti (2014, p. 2) destaca que:

[...] não basta um indivíduo dispor um determinado pensamento ou sentimento íntimo em versos para ser considerado um poeta. Logo, é necessário que ampliemos esta definição. Para Platão, o poeta é aquele que nomeia. Nesse sentido, o poeta assemelha-se a um demiurgo, isto é, àquele que releva o conhecimento da coisa através de sua nomeação, justamente pela relação que se estabelece, aqui, com o ato mítico e divino que cria por meio da mesma perspectiva, o poder do verbo.

Para Paz (1982) e Auerbach (1971), o poeta utiliza a força do verbo para dar vida às suas criações e transmitir significado. Através da escolha cuidadosa das palavras, da construção dos versos e do uso de imagens, o poeta é capaz de nomear e descrever a realidade de forma única e poética.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Da mesma forma como o demiurgo molda o mundo, Faustino (1977) destaca que o poeta, com seu poder criativo, é capaz de dar forma às emoções, pensamentos e ideias, revelando uma nova perspectiva sobre a realidade. Através da poesia, o poeta explora o poder do verbo para expressar sentimentos, questionar, refletir e despertar a consciência do leitor.

Bonvincino (2013) reforça que a poesia também é um espaço de desabafo, de catarse, de expressão das dores e anseios mais profundos. Através dela, o poeta encontra um refúgio para suas angústias, uma voz para suas aflições, um grito de alerta, um chamado à ação, uma arma nas mãos daqueles que desejam transformar o mundo.

Para Neves e Brasileiro (2020), o grito de alerta ao ser direcionado para a floresta amazônica evidencia uma responsabilidade coletiva em prol da sustentabilidade respeitando os conhecimentos tradicionais dos povos indígenas e das comunidades locais, e adotando medidas que conciliam o desenvolvimento econômico com a conservação ambiental,

[...] da experiência daquele que vivencia o lugar, que transcende a sua própria existência e coloca a ideia do pertencer, do fazer parte, como um processo de entrelaçamento do ser a natureza, dando-lhe as cores e contornos do que é a Amazônia; ou melhor, do que são as territorialidades amazônicas, construídas e produzidas nessa intensa e complexa relação entre práticas espaciais e os processos relacionais entre o homem e a natureza (NEVES; BRASILEIRO, 2020, p. 21),

Além disso, segundo Vico (1979), a poesia permite desvendar mistérios, apreciar sua grandiosidade, mergulhar em sua beleza, acolher os desabafos e ouvir os clamores. É um convite para explorar os recantos mais profundos da linguagem, para decifrar os enigmas poéticos e descobrir novos significados. Assim, a primeira estrofe da poesia intitulada “A voz do clamor” destaca:

Eu sou o verde da esperança.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

O verde da vida, do sustento, do firmamento.

A esperança da vida é evidente em mim.

Do verde da vida faço meu esperar.

Do esperar sou resistência de vidas até o fim.

Na primeira estrofe, o eu lírico se identifica como "o verde da esperança", destacando a importância simbólica do verde como um símbolo de esperança na vida. O eu lírico também se apropria de metáforas para descrever o verde como algo que proporciona morada e sustento para diversas formas de vida, sugerindo uma conexão profunda com a natureza. A menção ao "verde da vida, do sustento, do firmamento" reforça a ideia de que o verde é fundamental para a existência e sobrevivência das criaturas vivas.

O uso da palavra "firmamento" sugere que o verde também desempenha um papel importante na preservação do equilíbrio e harmonia do planeta. Além disso, a estrofe ressalta a resistência do verde, se referindo à sua capacidade de enfrentar desafios como desmatamento, mudanças climáticas e queimadas. Essa resistência é associada à biodiversidade, que encontra morada no verde e persiste apesar das adversidades.

Dando sequência, a segunda estrofe salienta:

Eu sou a transmissora dos sons,

Que conclamam em mim a todo momento.

Sons ensurdecidores das vidas.

Da biodiversidade da diversidade existente.

Onde o verde em harmonia com o meio ambiente

Mesmo duramente ameaçado ainda se faz presente!

A segunda estrofe enfatiza a importância do eu lírico como transmissor dos sons. Esses sons são descritos como ensurdecidores das vidas, ou seja, são expressões sonoras que representam a diversidade da biodiversidade existente. O eu lírico se posiciona como o receptor e portavoz desses sons, ressaltando sua conexão profunda com a natureza. Ao



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

mencionar a biodiversidade da diversidade existente, o eu lírico reconhece a riqueza e variedade de formas de vida presentes no meio ambiente. Essa diversidade é um reflexo da harmonia entre o verde e o ambiente ao seu redor.

Mesmo diante de ameaças como desmatamento, queimadas e mudanças climáticas, o verde ainda persiste, mostrando sua resiliência e importância. A estrofe sugere que o eu lírico é o alicerce que sustenta essa biodiversidade, transmitindo e ecoando os sons que representam as vidas presentes na natureza. Essa responsabilidade enfatiza o papel crucial do verde como um elemento vital para a sobrevivência e equilíbrio do planeta.

Ao continuarmos, a terceira estrofe evidencia:

Eu sou a flora, a fauna. Sou vidas.
Sou a maior floresta viva deste mundo.
Sou considerada o maior bioma brasileiro.
Eu sou ou já fui? Eis a questão!
Declaro que sou suspeita em afirmar.
Em tempos, me orgulhava da honraria.
Agora vivo a me questionar.

A terceira estrofe destaca a identidade do eu lírico como uma floresta que abriga uma rica diversidade de flora e fauna, representando uma variedade de vidas. O eu lírico se posiciona como a maior floresta viva deste mundo, enfatizando sua grandiosidade e importância no contexto global. No entanto, surge um questionamento sobre essa afirmação. O eu lírico menciona se é "ou já fui?" a maior floresta viva. Essa dúvida sugere uma reflexão sobre a atual condição da floresta e se ela ainda pode ser considerada o maior bioma brasileiro. Isso indica que a floresta enfrentou desafios e problemas ambientais que levam a questionamentos sobre sua importância.

O eu lírico declara ser suspeito(a) em afirmar sua grandiosidade e honraria como a maior floresta viva. Essa declaração revela um sentimento



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

de incerteza e questionamento. Em tempos passados, havia orgulho em ostentar esse título, mas agora o eu lírico vive em constante questionamento sobre sua atual condição e a validade dessa afirmação. Essa estrofe ressalta a preocupação com os problemas ambientais e a incerteza em relação à preservação e proteção da floresta. O questionamento coloca em evidência os desafios enfrentados pela floresta, como desmatamento, degradação ambiental e outras ameaças que afetam sua integridade.

A quarta estrofe acentua:

Estou localizada no Norte da América do Sul.

Sou rural, estadual, nacional, legal e internacional.

Sou uma extensa e densa floresta tropical.

Detentora de um grandioso verde

Onde a vida se faz plural

Em um ambiente de clima equatorial.

A quarta estrofe fornece informações adicionais sobre a localização e características do eu lírico, representado como uma extensa e densa floresta tropical. O eu lírico destaca sua localização geográfica, mencionando que está no Norte da América do Sul. Além disso, o eu lírico faz referência a diferentes escalas e níveis de abrangência. Ele se coloca como rural, estadual, nacional, legal e internacional. Essa progressão vai do local (rural) ao global (internacional), enfatizando a importância e alcance da floresta em diversas esferas, desde questões locais até questões globais relacionadas à proteção ambiental.

O eu lírico descreve a floresta como uma extensa e densa floresta tropical, ressaltando sua vastidão e exuberância. A menção ao "grandioso verde" destaca a cor predominante da vegetação da floresta, que é um dos elementos mais característicos desse ambiente. Essa cor verde simboliza a vida e a biodiversidade presentes na floresta. O eu lírico destaca que a vida se faz plural na floresta, enfatizando a diversidade e a multiplicidade de seres vivos que encontram seu lar nesse ambiente. Além disso, é mencionado o



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

clima equatorial, que caracteriza a região onde a floresta está localizada, ressaltando as condições climáticas que contribuem para a exuberância e vitalidade do ecossistema.

A quinta estrofe aponta:

Eu sou aquela que abriga extensos,
profundos e caudalosos rios.
Do grande rio Amazonas aos afluentes.
Que entrecortam os exuberantes verdes
Levando vidas a quem detém fome.
E águas aquém detém sede.

Na quinta estrofe, o eu lírico ressalta a presença de extensos, profundos e caudalosos rios dentro da floresta. Menciona especificamente o grande rio Amazonas e seus afluentes, destacando a importância desses cursos d'água na região. O eu lírico enfatiza que esses rios entrecortam os exuberantes verdes da floresta, o que demonstra a estreita relação entre a água e a vegetação presente no ambiente.

Esses rios desempenham um papel crucial na sustentação da vida, levando recursos e alimentação àqueles que sofrem de fome. Além disso, o eu lírico menciona que as águas dos rios também satisfazem a sede daqueles que necessitam. Isso destaca a importância vital da água não apenas como um recurso essencial para a sobrevivência dos seres vivos, mas também para o equilíbrio do ecossistema na totalidade.

A sexta estrofe ressalta:

Eu sou aquela que abriga os povos,
Que por séculos aprenderam a viver
Em plena harmonia com o ambiente
Usando meus recursos naturais,
Respeitando costumes e tradições
E conscientemente tocando suas vidas
Em equilíbrio com o meio vivente!



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Na sexta estrofe, o eu lírico enfatiza que a floresta abriga os povos tradicionais há séculos. Esses povos aprenderam a viver em plena harmonia com o ambiente ao seu redor. Eles desenvolveram conhecimentos e práticas que permitem uma relação sustentável e equilibrada com a natureza. O eu lírico destaca que esses povos tradicionais utilizam os recursos naturais da floresta de forma consciente, respeitando os costumes e tradições transmitidos ao longo das gerações. Eles têm uma profunda compreensão dos ciclos naturais, das plantas, dos animais e dos ecossistemas em que vivem.

Ao mencionar que os povos tradicionais tocam suas vidas em equilíbrio com o meio vivente, o eu lírico enfatiza a importância de viver em harmonia com o ambiente. Essa é uma mensagem de respeito e cuidado com a natureza, indicando que os povos tradicionais são exemplos a serem seguidos na busca por uma convivência sustentável com o meio ambiente.

Ao seguirmos, a sétima estrofe frisa:

Eu sou o equilíbrio do mundo.
O pilar de sustentação do planeta.
A peça-chave, a cereja do bolo,
A menina dos olhos,
A parte ou o todo do quebra-cabeça.
Eu sou aquela que vos alerta:
Se atentem enquanto há tempo!
Pois no mundo persisto em viver.
Equilibrar, verdejar, enfim, renascer,
Mas é tanto ataque, que destino a desaparecer.

Na sétima estrofe, o eu lírico enfatiza a importância da floresta como o equilíbrio do mundo e o pilar de sustentação do planeta. Utilizando expressões metafóricas, o eu lírico descreve a floresta como a peça-chave, a cereja do bolo, a menina dos olhos e a parte ou o todo do quebra-cabeça, enfatizando sua relevância para a harmonia e integridade do ecossistema



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

global. O eu lírico alerta que é preciso prestar atenção enquanto ainda há tempo. Essa mensagem é um chamado à ação e conscientização, ressaltando a urgência de cuidar da floresta e preservar sua existência.

O eu lírico reconhece a capacidade da floresta de equilibrar, renovar e florescer, mas também lamenta os constantes ataques e ameaças que ela enfrenta. Ao mencionar o destino de desaparecer, o eu lírico evoca a possibilidade da destruição da floresta caso ações adequadas não sejam tomadas. Essa mensagem ressalta a vulnerabilidade da floresta diante das pressões humanas, como o desmatamento, as mudanças climáticas e outros danos ambientais.

A oitava estrofe focaliza:

Apesar de tanta agressão, insisto em falar
Sobre a atuação de muitos humanos,
Que persistem em me cuidar.
Gente de bom coração,
Que já entenderam a situação
E com a empatia pela criação,
Insistem em me preservar.
Gente que se empenha, dando o máximo,
Que se juntam a mim para lutar.
Alertando todos sobre o triste cenário
Que me tende a dizimar.
Ah, mas a luta não é suficiente!
Precisamos de mais gente.
Gente de empatia por mim, pela vida,
Pelo presente e futuro do meio ambiente.

Na oitava estrofe, o eu lírico reconhece que, apesar das agressões que tem enfrentado, existem indivíduos que persistem em cuidar da floresta. Essas pessoas são descritas como tendo bom coração e compreendendo a situação crítica em que a floresta se encontra. Com empatia pela criação e



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

conscientização sobre a importância da preservação, elas se esforçam para proteger a floresta. O eu lírico destaca o papel dessas pessoas engajadas, que se unem em prol da luta pela preservação da floresta. Elas alertam sobre o triste cenário de destruição que ameaça dizimá-la. No entanto, o eu lírico enfatiza que a luta empreendida por essas pessoas não é suficiente. É necessário o envolvimento de mais indivíduos, ampliando o número de pessoas que compartilham da empatia pela floresta, pela vida e pelo presente e futuro do meio ambiente.

A nona estrofe aponta:

Eu sou a joia verde cobiçada por todos.
A cobiça está direcionada para mim.
São tantos olhos. Tanta ganância,
Ambição, negligência, maldade.
Tanta gente travejada de bem,
Mas pobre de empatia, respeito e verdade.
Tento lutar. Tento resistir. Me reerguer.
Tento a todo tempo ser forte,
Mostrando a todos os holofotes
O meu verde da exuberância.
Minha fauna, flora, minhas águas.
O desabrochar das flores, os aromas, sabores.
Meus sons, meus animais, minhas cores.
E mesmo assim, mostrando o meu valor
Para o equilíbrio de todo o planeta
Sou ferozmente atacada, agredida,
Negligenciada, dizimada, queimada viva!

Na nona estrofe, o eu lírico retrata a floresta como uma joia verde desejada por todos. No entanto, essa cobiça não é positiva, pois é direcionada por olhares gananciosos, ambiciosos, negligentes e maliciosos. O eu lírico critica aqueles que se apresentam como pessoas de bem, mas



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

que na realidade são carentes de empatia, respeito e verdade. Apesar dos constantes ataques e adversidades, a floresta tenta lutar, resistir e se reerguer. Ela busca ser forte, mostrando sua exuberância, sua fauna, flora, suas águas, o desabrochar das flores, os aromas, sabores, os sons, animais e cores que a compõem. Mesmo assim, o valor da floresta para o equilíbrio do planeta é ferozmente atacado, agredido, negligenciado e até mesmo queimado vivo.

Nessa estrofe, o eu lírico expressa a tristeza diante das agressões e da destruição que a floresta enfrenta. Ela é apresentada como uma entidade forte e resiliente, que tenta mostrar seu valor e importância para o mundo. No entanto, é alvo de uma série de ameaças e violências, o que reflete a realidade dos problemas enfrentados pelas florestas tropicais, como a Amazônia, em relação ao desmatamento, incêndios florestais e outras atividades humanas prejudiciais ao meio ambiente.

A décima estrofe acentua:

Estou avisando. Ando alertando.
E aqui, mais uma vez, suplicando,
Peço que me ajudem. Se ajudem.
Nos ajudem. Eu vos clamo!
Os efeitos estão se alastrando.
Meus verdes estão queimando.
Meus ares se contaminando.
Meus rios ficando impuros.
Minhas vidas se acabando.
Meus sons desaparecendo.
Meus cenários estão mudando.
Cuidem de mim, ainda há tempo.
Eu vos suplico, humanos!

Na décima estrofe, o eu lírico reforça sua mensagem de alerta e faz um apelo emocionado por ajuda. Ele enfatiza que tem avisado e alertado



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

repetidamente sobre os problemas que a floresta enfrenta, mas agora suplica que as pessoas o ajudem. O eu lírico pede que todos se unam e se ajudem mutuamente na causa de preservação da floresta. Ele clama por ação e conscientização, destacando que os efeitos negativos estão se espalhando rapidamente. Os verdes estão sendo queimados, os ares estão se tornando impuros, os rios estão ficando contaminados, as vidas estão se extinguindo e os sons característicos estão desaparecendo. Os cenários naturais estão sendo alterados de forma preocupante.

Diante dessa situação, o eu lírico faz um apelo urgente para que as pessoas cuidem da floresta enquanto ainda há tempo. Ele suplica aos humanos que se sensibilizem e ajam para proteger e preservar esse ambiente tão importante. É um chamado para serem tomadas medidas efetivas no combate aos danos causados e garantir a sobrevivência da floresta e de todas as formas de vida que dela dependem.

A décima primeira estrofe enfatiza:

Não permita o Criador do Universo,
Que eu de modo algum padeça jamais.
Peço que me fortaleça, reerguendo-me
Permanecendo sempre de pé,
Resistindo mais e mais.
Minha missão não está nada fácil.
Tenho sofrido com o fogo ardente.
Tenho sofrido com a fumaça tóxica.
Tenho sofrido com os desmatamentos.
Tenho perdido vidas que me tem firmamento.
Tenho visto meus rios sofrendo assoreamento.
Tenho visto os povos morrerem por envenenamento.

Na décima primeira estrofe, o eu lírico faz um apelo ao Criador do Universo para não permitir que a floresta sofra e padeça. Ele pede força e



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

fortalecimento para se reerguer e resistir diante das adversidades. O eu lírico expressa o sofrimento que a floresta tem enfrentado. Ele menciona o fogo ardente, a fumaça tóxica, os desmatamentos e os assoreamentos dos rios, que estão prejudicando a floresta e suas vidas. Ele lamenta as perdas de vidas que dependem da floresta como fonte de sustento e a presença os povos que morrem devido ao envenenamento causado pela degradação ambiental.

Nessa estrofe, o eu lírico ressalta a magnitude dos desafios enfrentados pela floresta e busca apoio e força para continuar sua luta pela sobrevivência e preservação. É um apelo para que os problemas sejam enfrentados e solucionados, a fim de proteger a vida e a saúde desse ecossistema tão importante.

A décima segunda estrofe clama:

Oh, humanos, o que fiz para sofrer tantos danos?
Que mal ofereço para sofrer durante anos?
Por que não me preservam?
Por que não me valorizam?
Vocês me ferem, me queimam, me matam
Sem se importar com o amanhã.
Eu sou o passado, o presente e o futuro.
Vidas estão e dependem de mim.
Eu vos suplico, me deixem viver!
Viver é o meu querer.
E meu querer é que todos vivam
Em sustentabilidade, equilíbrio.
Com amor e respeito, Amazônia.

Na décima segunda estrofe, o eu lírico revela sua identidade como a Amazônia. O eu lírico questiona por que sofreu tantos danos e por que não é preservado e valorizado pelos humanos. Ele expressa sua dor diante dos



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

danos causados, como ferimentos, queimadas e destruição, sem considerar as consequências futuras.

A Amazônia se apresenta como o passado, o presente e o futuro, enfatizando sua importância contínua para a vida no planeta. Ela clama para ser permitida a sua sobrevivência e destaca que viver é o seu desejo. O eu lírico pede que todos vivam em sustentabilidade e equilíbrio, com amor e respeito pela Amazônia, reconhecendo a interdependência entre o ecossistema amazônico e a humanidade. Essa estrofe final reforça o apelo da Amazônia por cuidado, preservação e conscientização dos seres humanos sobre a importância desse ecossistema único para a vida no nosso planeta. É um chamado para a ação em prol da Amazônia e de um futuro sustentável para todos.

A título de conclusão provisória

Destacamos que a preservação da Amazônia vai além de simplesmente proteger um lugar geográfico. É mais do que isso, se trata de salvaguardar um patrimônio histórico, cultural, natural de imenso valor e transmitir ideias de forma profunda e reflexiva.

Ao escrevermos a poesia autoral “A voz do clamor” com o objetivo de falar sobre sua preservação da floresta amazônica e sua importância, é uma maneira poderosa de transmitir mensagens, sensibilizar o público e despertar sentimentos de empatia, compaixão, responsabilidade e consciência sobre a necessidade de proteger esse ecossistema tão valioso adotando práticas mais sustentáveis.

A poesia também ressalta a importância de apoiarmos movimentos sociais e organizações que atuam na defesa da Amazônia, bem como disseminarmos informações e promovermos a educação ambiental. Afinal, a responsabilidade de cuidar da Amazônia não é apenas dos governos ou de organizações específicas, mas sim de todos nós. E cada



pequena ação individual ou coletiva conta e contribui para a preservação desse bioma tão rico e importante para o equilíbrio ambiental.

Referências

- Aguiar, L. S.; Brasileiro, T. S. A. (2020) A contribuição da educação jurídica popular para a proteção dos territórios na Amazônia Paraense: o caso juruti velho! In: Colares, A. A.; Rodrigues, G. C. L.; Colares, M. L. I. S. (Orgs.). *Educação e realidade amazônica* – Volume 5. Navegando Publicações.
- Albuquerque, M. A. M. (2013) *Geografia sociedade e cotidiano: espaço brasileiro, volume 2/* Maria Adailza Martins de Albuquerque, José Francisco Bigotto, Márcio Vitiello. 3ª Ed. Escala Educacional.
- Andrade, F. M. R. (2018) *A Amazônia além das florestas, dos rios e das escolas: representações sociais e problemas ambientais*. Ambiente & Sociedade. Vol. 21.
- Auerbach, E. (1971) *Mimesis*. EDUSP- Perspectiva.
- Agência Senado. *Relatório aponta desmonte de órgãos e grilagem na Amazônia com uso de cadastro ambiental*. < <https://www12.senado.leg.br/noticias/> >.
- Bonvincino, R. (2013) Estado crítico. Hedra.
- Cavalcanti, L. M. D. (2014) Poesia, o que é e para quê serve? *RECORTE* – revista eletrônica do Mestrado em Letras: Linguagem, Cultura e Discurso / UNINCOR V. 11 - N.º 1 (janeiro-junho – 2014).
- Embrapa. *Contando Ciência na Web*. <https://www.embrapa.br/contando-ciencia/bioma-amazonia>>.
- Faustino, M. (1977) *Poesia-experiência*. Perspectiva.
- Fiocruz Minas. (2013) *Pesquisa indica mudanças climáticas na Região Amazônica*.
- Fonseca et al. (2020) *Boletim do desmatamento da Amazônia Legal* (dezembro 2020) SAD (p. 1). Imazon.
- Ferreira, L. C. (2005) Sustentabilidade: uma abordagem histórica da sustentabilidade. In: Ferraro Júnior, L. A. *Encontros e caminhos: formação de educadores(as) ambientais e coletivos educadores*. MMA/DEA.
- Frutuoso, C.; Maciel, A. C. (2021) A ocupação socioeconômica do município de Machadinho d'Oeste (RO): a fronteira agrícola entre a teoria das frentes e da dinâmica inovativa. In: Brasileiro, T. S. A.; Pacífico, J. M.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

(Orgs). **Educação para a Amazônia: estudos e pesquisas em movimento.** – Rosivan Diagramação & Artes Gráficas.

Gomes, G. S.; Jesus, L. P. (2020) Agronegócio, desenvolvimento e sustentabilidade: reflexões sobre a formação dos sujeitos na Amazônia Brasileira. In: Colares, A. A.; Rodrigues, G. C. L.; Colares, M. L. I. S. (Orgs.). **Educação e realidade amazônica** – Volume 5. Navegando Publicações.

Gonzalez-Gaudiano, E. (2007) Educação ambiental para a biodiversidade: conceitos e práticas. In: Junqueira, V.; Neiman, Z. *Educação ambiental e conservação da biodiversidade: reflexões e experiências brasileiras.* Manole.

Greenpeace. *Proteja a Amazônia.*
<https://www.greenpeace.org/brasil/informe-se/amazonia/>.

Higuchi, M. I. G.; Azevedo, G. C. de; Forsberg, S. S. (2004) A Floresta e a sociedade: histórias, ideias e práticas. In: Higuchi, M. I.G.; Higuchi, N. A *Floresta Amazônica e suas múltiplas dimensões: uma proposta de Educação Ambiental.* INPA; CNPq.

IBFlorestas. (2023) *Bioma Amazônico.*
<https://www.ibflorestas.org.br/biomaamazonico#>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – (IBGE). (2023) *Amazônia Legal.* <<https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do>>.

Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. (2023) *Perguntas frequentes.*
<<http://www.inpe.br/faq/index.php?pai=6#:~:text=At%C3>>.

Klein, D. S. (2013) Historiografia amazônica em perspectiva: aspectos de um processo de abertura metodológica (1950- 2000). In: *Rev. Hist. UEG - Anápolis*, v.2, n.2, p.01-17, jul./dez.

Lamartine. (1987) “Os destinos da poesia (excetos): 1834”. In: Lobo, Luiza. *Teorias Poéticas do Romantismo.* UERJ/Mercado Aberto.

Marengo, J. A. (2006) *Mudanças climáticas globais e seus efeitos sobre a biodiversidade: caracterização do clima atual e definição das alterações climáticas para o território brasileiro ao longo do século XXI.* – MMA.

Marengo, J. A.; Souza Jr, C. (2008) *Mudanças Climáticas: impactos e cenários para a Amazônia.* São Paulo. Dez.

Mello, N. A. de. *Políticas territoriais na Amazônia.* Annablu-me.

Mello-Théry, N. A. de. (2006) *Políticas territoriais na Amazônia.* Annablume Editora.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

- Neves, J. A. V.; Brasileiro, T. S. A. (2020) Territorialidades amazônicas: sentidos e produção de conhecimentos e os desafios da formação de professores no contexto atual. *Revista Humanidades e Inovação* v.7, n.15.
- Oliveira, J. A.; Schor, T. (2010) Urbanização na Amazônia: o local e o global. In: Val, A. L.; Santos, G. M. (Orgs.). *Grupo de Estudos Estratégicos Amazônicos*. TOMO III. INPA.
- Padua, J. A. (1991) O Nascimento da Política Verde no Brasil: Fatores Exógenos e Endógenos. In: Leis, H. (Org.). *Ecologia e Política Mundial*. Vozes. v. 1, p. 135-161.
- Pedrini, A. G. (2006) Educação ambiental para o desenvolvimento ou sociedade sustentável?: uma breve reflexão para a América Latina. *Educação Ambiental em Ação*, v. 17.
- Sá, E. F.; Corrêa, T. A. (2016) Educação infantil do campo: relações entre o geral e o específico nas propostas pedagógicas e no trabalho docente com as crianças da várzea amazônica. In: Colares, A. A.; Colares, M. L. I. S. (Orgs.). *Educação e realidade amazônica – Volume 1*. Navegando Publicações.
- Santos, G. S. L.; Colares, M. L. I. S. (2018) O município de Itaituba/PA: contextualização histórica e educacional. In: Colares, M.L. I. S.; Perez, J. R. R.; Cardozo, M. J. P. B. *Educação e realidade amazônica*. Volume 3. Navegando Publicações.
- Santos *et al.* (2023) Mudanças climáticas e modo de vida ribeirinho: bases para a governança de risco no Amazonas. *Educamazônia*. Dossiê: Estudos e Pesquisas sobre EJA e Temas livres. v. 16 n. 2, jul-dez, 2023.
- Secretaria Geral de la Organización de los estados americanos (1993). *Programas Binacionales de Cooperación Fronteriza - Un Modelo para el Desarrollo de la Amazonía*.
- Significados. (2023) *Amazônia Internacional*.
<https://www.significados.com.br/amazonia-internacional/>.
- Silva, A. I.; Costa, S. C.; Lellis, I. L. Contexto amazônico: uma reflexão sobre a educação e implementação do programa de habilidades de vida. IN: Colares, M. L. I. S.; Perez, J. R. R.; Cardozo, M. J. P. B. *Educação e realidade amazônica*. Volume 3. Navegando Publicações.
- Siqueira, A. O. S. (2016) A educação na Amazônia e os desafios para a educação integral. In: Colares, A. A.; Colares, M. L. I. S. (Orgs.). *Educação e realidade amazônica – Volume 1*. Navegando Publicações.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Souza, L. T. R.; Brasileiro, T. S. A. (2023) Amazon: environment, society, quality of life and public policies under discussion!. *Seven Editora, [S. l.]*, p. 325–352, 2023.

Vico, G. (1979) *Princípios de uma ciência nova: acerca da natureza comum das nações*. (Trad. Antônio Lázaro) Abril Cultural.

Recebido: 25/2/2023.
1/7/2023

Aceito: 2/6/2023.

Publicado:

Autores:

Luciandro Tassio Ribeiro de Souza

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Ambiente e Qualidade de vida da Universidade Federal do Oeste do Pará – (PPGSAQ/UFOPA). Graduado em Licenciatura em Letras - Português e Literaturas da Língua Portuguesa pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA 2014 - 2017). Graduado em Licenciatura em Informática Educacional pela Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA 2018 - 2022). Especialista em Letras - Português e Literatura pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI 2019 - 2020). Especialista em Educação Especial, Inclusiva e Libras pela Faculdade Estratego (2021-2022). E-mail: tassyandrosouza4193@gmail.com

Tania Suely Azevedo Brasileiro

Pós-doutorado em Psicologia pela Universidade de São Paulo (IP/USP). Doutorado em Educação pela Universidad Rovira i Virgili/Espanha (título revalidado na FE/USP). Psicóloga e Pedagoga. Professora Titular da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), lotada no Instituto de Ciências da Educação (ICED), junto a Licenciatura em Informática Educacional. Docente permanente dos Programas de Pós-Graduação: Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida - mestrado acadêmico (PPGSAQ/UFOPA); Sociedade, Natureza e Desenvolvimento - doutorado (PPGSNDUFOPA) e doutorado em Educação na Amazônia - Associação plena em Rede (PGEDA/EDUCANORTE), assumindo a coordenação do PGEDA no Polo Santarém (UFOPA – UNIR) (2020-2022). Líder do grupo de estudos e pesquisa PRAXIS UFOPA (CNPq). Orientadora da pesquisa. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-8423-4466>. E-mail: brasileirotania@gmail.com